

SAB – Serviço de Animação Bíblica

Visão de um povo sobre as origens da vida

Pedagogia bíblica da segunda infância



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Visão de um povo sobre as origens da vida : pedagogia bíblica da segunda infância / Serviço de Animação Bíblica. -- São Paulo : Paulinas, 2020.

256 p. (Bíblia em comunidade : Série Recursos Pedagógicos 4.2)

Outros autores: Romi Auth, Maria Aparecida Duque, Maria Natália Duque Caldeira, Maryanne França Rodrigues, Edinaldo Medina Batista

ISBN 978-85-356-4605-4

1. Bíblia : Estudo e ensino 2. Bíblia : Uso por crianças 3. Palavra de Deus : Pedagogia 4. Vida cristã 5. Bíblia. A.T. Gênesis - Estudo e ensino - Crianças I. Serviço de Animação Bíblica - SAB II. Auth, Romi III. Duque, Maria Aparecida IV. Caldeira, Maria Natália Duque V. Rodrigues, Maryanne França VI. Batista, Edinaldo Medina VII. Série

20-1469

CDD 220

Índice para catálogo sistemático:

1. Pedagogia bíblica : segunda infância 220

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

Equipe responsável pela redação: Romi Auth, fsp, Maria Aparecida Duque, Maria Natália Duque Caldeira, Maryanne França Rodrigues e Edinaldo Medina Batista

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa: *Edinaldo Medina Batista*

Diagramação: *Tiago Filu*

1ª edição – 2020

SAB – Serviço de Animação Bíblica

Av. Afonso Pena, 2142 – Bairro Funcionários

30130-007 – Belo Horizonte – MG

Tel.: (31) 3269-3737 / Fax: (31) 3269-3729

E-mail: sab@paulinas.com.br

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

©Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

Sumário

Orientações práticas para a educadora ou o educador da fé.....	7
Apresentação	9
Introdução	15
1. Elementos da psicopedagogia infantil de 8 a 12 anos	19
2. Metodologia para os encontros com crianças de segunda infância	39
3. Introdução ao mito.....	45
4. A criação em sete dias (Gn 1,1–2,4a).....	55
1º tema:	
“No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1); “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou...” (Gn 2,3).....	63
5. A consciência do limite humano e o respeito ao espaço vital (Gn 2,4b–3,24).....	81
2º Tema:	
“Deus plantou um jardim em Éden” (Gn 2,8)	99
3º Tema:	
“A mulher tomou do fruto da árvore, comeu e deu-o ao seu marido” (Gn 3,6)	115
6. Caim, irmão de Abel (Gn 4,1-16)	127
4º Tema:	
“Abel, irmão de Caim” (Gn 4,2).....	137

7. Genealogias: preocupação com a unidade,
identidade e continuidade do povo
(Gn 4,17-26; 5,1-32; 10,1-31; 11,10-32) 147

5º Tema:

“A duração da vida de Matusalém foi de novecentos
e sessenta e nove anos” (Gn 5,27)..... 153

8. Dilúvio: Inundação das águas e uma nova criação
(Gn 6,1–9,17)..... 173

6º Tema:

“Vou enviar o dilúvio sobre a terra” (Gn 6,17; 7,22)..... 181

7º Tema:

“Estabeleço minha aliança convosco... Eis o sinal da aliança...
Os filhos de Noé, que saíram da arca: Sem, Cam, Jafé”
(Gn 9,11.18)..... 195

9. Línguas diferentes: a torre de Babel (Gn 11,1-9) 205

8º Tema:

“Todo o mundo se servia de uma mesma língua”
(Gn 11,1)..... 209

10. Abraão é uma bênção para a humanidade (Gn 12,1-9) ... 227

9º Tema:

“Sai da tua terra... e vai para a terra que eu te mostrarei...
Eu te abençoarei. Sê uma bênção!” (Gn 12,1-2) 235

Conclusão 247

Bibliografia da psicopedagogia das idades 249

Bibliografia Bíblica 251

Orientações práticas para a educadora ou o educador da fé

- Fazer uma leitura atenta de todo o texto para conhecer a proposta.
- Estudar, de modo especial, a psicopedagogia das idades para adequar as atividades às características e ao perfil do grupo.
- Estudar o novo olhar sobre as Escrituras para assimilar uma nova visão sobre Gênesis 1–12.
- Após a escolha das atividades de cada encontro, providenciar e preparar o material para ser aplicado.

Acima de tudo, *muito amor* às pessoas, a Deus e à sua Palavra!

Votos de fecunda missão!

Apresentação

A iniciativa de trabalhar a Bíblia desde a tenra idade nasceu do interesse de pessoas que desejavam fazer uso dela na formação bíblica de crianças, pré-adolescentes e adolescentes, mas não tinham uma preparação específica para lidar com essas faixas etárias. Apesar de todo esforço que existe nas instituições, nos movimentos e nas comunidades, no sentido de qualificar pessoas para esse ensino, constata-se, ainda, uma grande carência, em quase todas as comunidades, na preparação de pessoas para trabalharem a Bíblia de forma libertadora, nas faixas etárias infantojuvenis.

O curso “Bíblia em Comunidade”, oferecido pelo Serviço de Animação Bíblia, prepara pessoas para trabalharem a Bíblia com adultos. Desde o ano 2007, foi constituída uma equipe com pessoas preparadas no campo da psicologia, pedagogia, literatura e arte, Bíblia e catequese, para trabalhar Gênesis, capítulos 1 a 12, com crianças pré-adolescentes e adolescentes, tendo por objetivo atender a essa demanda. O desafio estava lançado.

Educar para o pensar

A equipe do SAB, então, buscou quem oferecesse a possibilidade de uma formação sistemática, a partir da psicopedagogia das idades, o estudo dos conteúdos bíblicos para crianças, pré-adolescentes e adolescentes, mas nada encontrou na área. Foi-lhe indicado o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, que desenvolve um trabalho muito interessante no campo da educação para o pensar. É claro que o interesse imediato da equipe não era o conteúdo filosófico e sim o bíblico. Contudo, a metodologia de como o conteúdo filosófico era ensinado, poderia ser inspiradora

para a equipe trabalhar o conteúdo bíblico de forma apropriada, consciente, responsável e libertadora.

A equipe enfrentou o desafio com a motivação de oferecer uma ajuda aos educadores da fé, a partir da Bíblia, para:

- promoverem uma reflexão com as crianças, pré-adolescentes e adolescentes, de forma criativa e participativa, para torná-los agentes na construção do próprio saber bíblico;
- proporcionar-lhes momentos intensos de vivência e reflexão, para alimentarem, de forma consciente, a própria fé e se tornarem cristãos comprometidos e responsáveis.

A escolha de Gênesis, capítulos 1 a 12

A escolha dos primeiros capítulos do livro de Gênesis foi proposital, porque a sua leitura e interpretação na Igreja e na sociedade atual determinam, de certa forma, a visão de Deus, do mundo, da humanidade, das relações interpessoais e, sobretudo, de gênero. O ensinamento religioso, dado de 8 a 12 anos, pode exercer maior influência no comportamento das crianças, por elas assimilarem e internalizarem, com facilidade, atitudes, gestos e palavras dos adultos, pois não têm ainda uma consciência crítica, e isso pode condicioná-las pelo resto da vida, se não houver uma reorientação adequada e atualizada na leitura bíblica.

A série “Recursos pedagógicos” apresenta diferentes ferramentas necessárias para o desenvolvimento eficiente da missão da educadora e do educador da fé a partir da Bíblia. Entre essas ferramentas, encontra-se a pedagogia bíblica, que, em três livros, desenvolve, segundo a psicopedagogia das idades, o conteúdo bíblico de Gênesis 1 a 12. A escolha dos temas desses capítulos de Gênesis corresponde à realidade que a criança, na pré-adolescência e adolescência, vive. Veja, em seguida, a indicação dos temas que serão trabalhados no Livro de Gênesis, do capítulo 1 até o 12, nos três livros de pedagogia bíblica.

Gênesis para a primeira infância

Na fase inicial da primeira infância, os pais, a educadora ou o educador da fé, encontram orientações na introdução à psicopedagogia das idades, no primeiro capítulo do 1º volume: *E Deus viu que tudo era bom*. Nesse primeiro capítulo de Gênesis, são oferecidos sete encontros – para serem trabalhados com crianças entre 4 e 7 anos – preparados dentro de uma metodologia criativa e participativa, com um novo olhar sobre as Escrituras. Neles, a criança é envolvida nos cinco sentidos para construir o seu conhecimento bíblico. Gênesis 1,1–2,4a foi subdividido em sete temas, conforme os elementos que foram criados em cada dia.

- 1º tema: “Deus fez o dia e a noite” (Gn 1,1-5);
- 2º tema: “Deus separou as águas de cima das águas de baixo” (Gn 1,6-8);
- 3º tema: “Deus fez árvores, flores e frutos” (Gn 1,9-13);
- 4º tema: “Deus fez os luzeiros e as estações” (Gn 1,14-19);
- 5º tema: “Deus fez os animais pequenos e grandes” (Gn 1,20-23);
- 6º tema: “Deus fez o homem e a mulher” (Gn 1,23-31). “E Deus viu que tudo era muito bom!”;
- 7º tema: “Deus descansou no sétimo dia” (Gn 2,1-4a). “Deus sentou-se e contemplou, maravilhado, a beleza de sua obra!”

Gênesis para a segunda infância

A criança na segunda infância, entre 8 e 12 anos, gosta de livros e se interessa pela leitura. Quer ler tudo o que lhe cai sob os seus olhos. Daí a importância de despertar nela a curiosidade

pelas histórias bíblicas. Nessa faixa etária, serão trabalhados os seguintes temas de Gênesis 1 a 12:

- 1º tema: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1); “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou...” (Gn 2,3);
- 2º tema: “Deus plantou um jardim em Éden” (Gn 2,8);
- 3º tema: “A mulher tomou do fruto da árvore, comeu e deu-o ao seu marido” (Gn 3,6);
- 4º tema: “Abel, irmão de Caim” (Gn 4,2);
- 5º tema: “A duração da vida de Matusalém foi de noventa e sessenta e nove anos” – o significado da longa vida dos patriarcas antes do dilúvio (Gn 5,27);
- 6º tema: “Vou enviar o dilúvio sobre a terra” – as águas que salvam e destroem (Gn 6,17; 7,22);
- 7º tema: “Estabeleço minha aliança convosco... Eis o sinal da aliança... Os filhos de Noé, que saíram da arca: Sem, Cam, Jafé” (Gn 9,11.18);
- 8º tema: “Todo o mundo se servia de uma mesma língua” (Gn 11,1);
- 9º tema: “Sai da tua terra... e vai para a terra que eu te mostrarei... Eu te abençoarei. Sê uma bênção!” (Gn 12,1). Deus renova o dom da vida na promessa da descendência.

Gênesis para pré-adolescentes e adolescentes

Os temas bíblicos na fase da pré-adolescência e adolescência foram escolhidos pelas características que se revelam na faixa etária de 13 a 18 anos:

- 1º tema: “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou...” (Gn 2,3);

- 2º tema: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim para o cultivar e o guardar...” (Gn 2,15).
- 3º tema: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer?” (Gn 3,11).
- 4º tema: “O Senhor disse a Caim: ‘Por que estás irritado e por que teu rosto está abatido?’” (Gn 4,6);
- 5º tema: “Deus deu-lhe o nome de Noé, porque, disse ele, ‘este nos trará, em nossas tarefas e no trabalho de nossas mãos, uma consolação...’” (Gn 5,29);
- 6º tema: “Porei o meu arco na nuvem e ele se tornará um sinal de aliança entre mim e a terra” (Gn 9,13);
- 7º tema: “Uma descendência nasceu também a Sem, pai de todos os filhos de Héber, e irmão mais velho de Jafé” (Gn 10,21);
- 8º tema: “Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não se entendam mais uns aos outros” (Gn 11,7);
- 9º tema: “O Senhor disse a Abraão: ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei’” (Gn 12,1). “A fé de Abraão perpetuou o seu nome na história do povo de Deus.”

Experimente!

Introdução

As crianças da segunda infância, de 8 a 12 anos, já sabem ler bem, gostam de ouvir histórias, e, de modo especial, se interessam pelas histórias bíblicas. Nesta proposta vamos iniciar com as histórias das origens da vida no planeta Terra, desde o primeiro capítulo do livro de Gênesis até o capítulo doze, quando começa a história do povo de Deus com o patriarca Abraão. Este conteúdo foi trabalhado tendo presente a psicopedagogia das idades.

O respeito às condições das crianças da primeira e segunda infância e da pré-adolescência requer cuidado no uso da linguagem apropriada, das atividades oferecidas, respeitando as faixas etárias de 0 a 18 anos. Essa orientação é dada para a educadora ou o educador da fé por meio da psicopedagogia das idades no *primeiro capítulo*. A primeira infância, de 0 a 7 anos, foi trabalhada no primeiro volume da série “Recursos pedagógicos”: *E Deus viu que tudo era bom!*

Tudo isso é abordado dentro de uma metodologia adequada a cada faixa etária no *segundo capítulo*, de acordo com os interesses de cada fase. Todos os passos iniciam o encontro com a *sensibilização*, para despertar na criança interesse e curiosidade sobre o tema; o *diálogo interativo*, onde são desenvolvidas três propostas: a leitura do texto bíblico, o levantamento de perguntas por parte das crianças sobre o texto, ou ao autor do texto, e o debate sobre estas questões. Para ajudar a educadora ou o educador, há sugestões de questões sobre a compreensão do texto, a interpretação e a atualidade relacionada ao conteúdo bíblico.

No *terceiro capítulo* há uma introdução ao mito para melhor compreensão do texto bíblico de Gênesis 1,1–11,32, cujas narrativas carregam um fundo mitológico. Entender a preocupação

que move os autores dos mitos é compreender as angústias em que vivem os seres humanos, diante do desconhecimento de suas origens e de não saberem o que acontece depois de sua morte, já que o seu desejo é viver eternamente.

O texto bíblico a ser trabalhado no *quarto capítulo* é o Gênesis 1,1-2,4a, que oferece um novo olhar sobre a criação. A razão que move o grupo sacerdotal, ao descrever o que ocorre nesses sete dias, é chegar ao seu ápice, ou seja, o sábado: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1); “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou...” (Gn 2,2-3).

A consciência do limite humano e o respeito ao espaço vital próprio dos outros de Deus e da natureza são condições indispensáveis para viver em aliança com Deus na harmonia, igualdade e justiça. Esse é o *quinto capítulo* do livro. O enfoque do estudo de Gênesis 2,4b–3,24 retoma a criação da natureza, em especial a criação do homem e da mulher, o seu convívio harmonioso no paraíso, o desrespeito ao interdito de Deus, o castigo e a expulsão do Jardim de Éden. O tema específico trabalhado com as crianças é: “O Senhor Deus plantou um Jardim em Éden” (Gn 2,8). O segundo tema: “A mulher tomou do fruto da árvore e comeu. Deu-o também ao seu marido” (Gn 3,6). O interdito de Deus é de não comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A obediência ou a desobediência são formas de acolher ou desrespeitar os ensinamentos ou interditos dados pelos pais ou responsáveis pelas crianças.

No *sexto capítulo*, sob o tema de Caim e Abel, há ruptura da aliança em Gênesis 4,1-16. Diz o texto que: “O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim e disse: ‘Adquiri um homem com a ajuda do Senhor’. Depois ela deu também à luz Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo” (Gn 4,2). Como Deus se agradou da oferta de Abel e não da de Caim, nasce o ciúme, que chegou ao extremo com a morte do irmão Abel. Esse texto pode ser lido

sob diferentes enfoques: social, psicológico, religioso e outros, considerando-se o tema: “Abel, irmão de Caim” (Gn 4,2).

Segundo a tradição bíblica, a procriação começa fora do paraíso e vai crescendo com a descendência dos patriarcas que nasceram antes e depois do dilúvio. Chama atenção do leitor o elevado número de anos dos patriarcas, antes da invasão das águas e o decrescer do número de anos, após o dilúvio. O autor dá a entender que o crescimento da maldade faz decrescer o número de anos antes do dilúvio. O *sétimo capítulo* trata das genealogias. É possível que tenha existido um homem que vivesse 969 anos sobre a face da terra? E, no entanto, a Bíblia afirma: “Toda a duração da vida de Matusalém foi de novecentos e sessenta e nove anos, depois morreu” (Gn 5,27).

O dilúvio é visto como se Deus lavasse a terra, varrendo dela toda a maldade humana (Gn 6,5–9,17). Depois da destruição, Deus se arrependeu do que fez e começou uma nova criação com Noé e sua família, porque ele era um homem justo, andava com Deus. Mas o povo de Sodoma era um povo infiel, cuja maldade era grande, por isso, Deus disse: “Vou enviar o dilúvio sobre a terra” (Gn 6,17; 7,22), este é o primeiro tema do *oitavo capítulo*. Deus, porém, se arrependeu e selou uma aliança, que será o segundo tema: “Estabeleço minha aliança convosco... Eis o sinal da aliança... o arco-íris... Os filhos de Noé, que saíram da arca são: Sem, Cam e Jafé” (Gn 9,11.13.18).

Os povos de *Senaar* tinham a convicção de ter todas as condições para realizar os seus sonhos de grandeza, construindo uma torre muito alta, que chegasse aos céus. Mas seus sonhos ruíram no meio do caminho. Deus não participava de seus ambiciosos projetos descritos na narrativa da “Torre de Babel” (Gn 11,1-9), O *nono capítulo* do livro é sobre o tema: “Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras” (Gn 11,1). O que significa essa uniformidade, contestada pelo autor bíblico?

Pois, queriam prescindir de Deus, construindo uma cidade e uma enorme torre.

O *décimo e último capítulo* é sobre o patriarca Abraão. Deus o chamou de Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia, para dar início a um grande povo. Fez com ele uma aliança, prometendo-lhe uma terra, descendência tão numerosa quanto as estrelas do céu e a areia do mar, dando-lhe um grande nome. Ele começa a sua viagem seguindo a voz do Senhor e se estabelece na terra de Canaã, que lhe foi dada por Deus para os seus descendentes, os israelitas. O tema é: “Sai da tua terra... e vai para a terra que eu te mostrarei... Eu te abençoarei. Sê uma bênção!” (Gn 12,1). Abraão entrou no projeto de Deus, ele o assumiu e se tornou uma bênção para Israel e todas as nações. E, desse modo, tornou-se o pai da fé do povo de Deus.

Desses doze capítulos iniciais do livro de Gênesis, foram extraídos *nove temas* que melhor respondem aos interesses dessa faixa etária. Cada um desses temas foi desenvolvido com atividades e reflexões com as crianças em aproximadamente duas horas; mas isso não impede que a educadora ou o educador da fé queira subdividir o mesmo tema em um ou mais encontros, ou mesmo escolher com seu grupo outros enfoques dentro do mesmo tema.

1.

Elementos da psicopedagogia infantil de 8 a 12 anos

Introdução

A posse de conhecimento básico sobre o desenvolvimento do ser humano é um dos instrumentos indispensáveis para quem trabalha ou pretende trabalhar na formação dessa faixa etária. Dimensionar e respeitar os aspectos psicológicos, socioafetivo, programático e metodológico do ensino-aprendizagem é de fundamental importância, porque há que se adequá-los às necessidades, às possibilidades e aos interesses do(a) aprendiz e interligá-los aos temas e conteúdos adequados à formação ética, moral e religiosa do ser que aprende. É preciso que a educadora ou o educador tenha conhecimento do processo da aprendizagem, adequando-o ao tempo e ritmo necessários ao educando. A faixa etária entre 8/12 anos é, para a criança, o tempo em que ela inicia a socialização; ela começa a se preparar para cumprir seu papel social. É o tempo das mudanças.

Com este segundo livro *Visão de um povo sobre as origens da vida* – da coleção “Bíblia em Comunidade” –, nós, educadores da fé, teremos oportunidade de lembrar a nossa prática educacional com uma visão psicopedagógica mais voltada para a formação bíblica em cada uma dessas faixas etárias. Como já vimos nas etapas anteriores, desejamos que essa educação para a fé, que se iniciou desde a vida intrauterina, continue orientando a criança na busca do sentido essencial de sua vida e na participação ativa da transformação da sociedade à luz dos valores humanos e cristãos.

A criança aos 8 anos

A criança de 8 anos vive um momento muito significativo porque ela começa a se perceber como diferente no grupo de iguais. Seu horizonte vivencial se alarga para além do mundo familiar. Se antes acreditava que o mundo existia em torno dela, agora já se percebe no mundo e já não se sente mais o centro de tudo. Ela está mais receptiva para aceitar o outro, para fazer amizades. O coleguismo começa a ter mais sentido, e a presença dos colegas mais próximos torna-se uma necessidade. Na escola, começa a trabalhar em grupos com mais facilidade e frequência; a relação professor(a)/aluno(a) já vai diminuindo em sua maternagem. Amplia-se, assim, a socialização.

É importante ressaltar que as preferências nessa relação de amizade ainda estão ligadas a amizades com os pares de igual gênero: meninas com meninas e meninos com meninos, com características e interesses comuns. Nesses grupos, são estabelecidas normas rígidas advindas de conceitos morais e sociais passados pela família. Desaparece a linguagem egocêntrica e a criança se torna capaz de compreender o ponto de vista de outros, escutá-los, discutir, conversar, comunicar-se. Partilha, com tranquilidade, seus brinquedos, abrindo, assim, possibilidades para sua atuação no campo da cooperação social.

Pensamento reversível

Na área cognitiva, o pensamento está se desenvolvendo com maior flexibilidade. É mais maleável e mais reversível, mas suas operações mentais ainda são realizadas a partir de objetos concretos e situações reais. É importante observar que, nessa idade, a criança ainda não pensa em termos abstratos nem raciocina a respeito de proposições verbais ou hipotéticas; por isso, apresenta dificuldades em raciocínios orais. Enquanto o

pensamento não é reversível, ele não é operatório; não tem flexibilidade para admitir as transformações. E o que caracteriza essa *reversibilidade* é a flexibilidade mental ou a capacidade que a criança tem de refazer o que foi desfeito, descobrindo que um objeto pode ser modificado sem que seja alterada a sua quantidade. Por exemplo: com o pensamento reversível, a criança percebe que determinada quantidade de argila pode ser dividida em várias bolinhas, mas continua com a mesma quantidade de massa. Em etapas anteriores, a criança não tem essa impressão de *conservação da substância* e acredita que, pelo fato de ter muitas bolinhas, a quantidade de substância aumentou.

Outra importante característica que determina essa faixa etária é marcada pela entrada da criança na fase da latência sexual, que se inicia aos 6/7 anos de idade. Sigmund Freud (1856-1939), médico, neurologista e importante psicólogo austríaco, influenciou, consideravelmente, a psicologia social contemporânea. Seus estudos são anteriores à teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. Ele destaca, em suas pesquisas, a importância das fases evolutivas da afetividade como um dos aspectos básicos de sua teoria psicanalítica, porque a criança que participa das atividades familiares, que se relaciona socialmente, que é capaz de amar e de odiar, é a mesma que pensa, compreende, aprende e faz.

Daí a necessidade da fusão da psicogênese (teoria do desenvolvimento cognitivo) com a psicanálise (teoria do procedimento investigativo dos processos mentais). Freud teoriza que, nessa fase da *latência sexual*, a sexualidade é abafada e deslocada para outras práticas com interesses mais direcionados para as atividades sociais, lúdicas e intelectuais, possibilitando uma ótima prontidão para iniciar o processo de aprendizagem sistematizada e a aquisição gradual de valores e habilidades. Nesse período, há um adormecimento das fases anteriores (oral, anal, fálica) e a criança vai substituindo o pensamento mágico pelo

pensamento lógico. Com essa aquisição, ela passa a se expressar por meio de diálogos e sente necessidade de explicar, logicamente, suas ideias. Ela está com suas estruturas mentais livres para “o aprender”. Compreende e elabora tudo o que vivencia e lhe é ensinado.

No que se refere ao *desenvolvimento físico*, ela é muito ativa; sua dentição está mudando desde os 5/6 anos, o que pode trazer consequências como: *bullying* e problema de linguagem e escrita. O seu crescimento esquelético é relevante e se calcifica com intensidade. A etapa motora se aproxima da *etapa da maturidade* e permite a algumas crianças a capacidade de realizar esportes tradicionais. Essa capacidade para o esporte as fará se interessar mais ou menos por ele no futuro.

Novas necessidades vão surgindo e novas potencialidades vão despertando. Com 8 anos, a criança já é capaz de escutar e também de respeitar as regras, controlar seus desejos. Adquire noção de tempo, espaço e necessita de regras e de limites. Possui já o sentido de justiça bastante desenvolvido. Inicia-se o período da *semiautonomia* e ela já começa a organizar seus próprios valores morais. Se antes ainda considerava bastante as opiniões e ideias dos adultos, agora passa a questioná-las e pode até confrontar-se com elas. Descobre também as questões do mundo adulto como a mentira, a culpa, a morte e, ainda, compreende melhor as regras sociais.

A criança começa a expressar juízos de valor e a se preocupar em saber se o que fez foi bom ou ruim. Ela não tem muito claro o que é justiça, mas pode distinguir um ato justo de um ato injusto. Se pratica ou sofre injustiça, tem condições de reconhecê-lo. O senso de justiça está entre os primeiros valores morais que se formam. Interessa-se, principalmente, pelo “como” e “por quê?” e começa a estar consciente na causa e no efeito. Se a fase anterior, *a da heteronomia*, foi bem conduzida, com respeito mútuo, sem punições violentas, com diálogos, afeto e firmeza, a criança

evolui, progressivamente, para a *autonomia*, que se desenvolve a partir dos 12 anos.

Os pais ou responsáveis vão deixando de ser, prioritariamente, autoridade e passam a compartilhar interesses comuns, e essa autoridade é mantida por meio da interação e do diálogo. Surge, então, uma nova forma de relacionamento, baseada mais no companheirismo e na amizade. Como vimos até aqui, percebe-se a necessidade de que os pais, os responsáveis pela criança e as educadoras e os educadores da fé e da escola observem os desenvolvimentos: intelectual, emocional, moral-religioso e a capacidade de a criança estabelecer laços afetivos e eficazes com as pessoas que para ela são importantes.

A criança aos 9 e 10 anos

Essa é a idade de introspecção e de mudanças internas profundas e decisivas. É a fase na qual transcorre a mudança mais importante na biografia humana. Por volta dos 9 anos, as crianças começam a perceber que são seres independentes, que todos nós morreremos, que o pai, a mãe ou a professora não são os heróis de sua primeira infância. Algumas têm medos. Choram por qualquer coisa. Criticam e discordam da autoridade amada.

Em resumo: a criança entende que o mundo não é um paraíso e que precisará trilhar o caminho com seus próprios passos. E, inserida nessa mudança, a criança atravessa, com maior ou menor intensidade, uma crise de solidão. Ocorre, nesse período, uma grande e profunda transformação na relação da criança para com o mundo. De repente, ela considera os contos de fada infantis, fica manhosa, revoltada, passa a criticar tudo e começa a deixar de ver os adultos como pessoas infalíveis ou superiores. Uma transformação profunda ocorreu em toda sua vida emocional. Parece ter perdido a proteção de seu próprio mundo de fantasia, mundo no qual, tão carinhosamente, foi envolvida.

A vida emocional passa por uma metamorfose profunda. Curiosamente, a criança passa a sentir medo do escuro. Procura livrar-se desse medo, recorrendo a toda espécie de evocações mágicas: olha embaixo da cama para certificar-se de que não há alguém, esconde-se sob o cobertor, encolhendo as pernas, e a porta do corredor ou do quarto precisa ficar aberta para que ouça vozes.

Nesse estágio de vida, a criança cresce e aprende rapidamente. Está na maturidade da infância. Já possui um esboço de seu caráter, a sua personalidade já é um pouco mais definida e com possibilidades de introduzir o mundo em seu interior. Pais e educadores precisam estar atentos para motivar confiança em suas atitudes e segurança em si mesma. O elogio é mais eficaz do que a reprovação, e a criança é a grande beneficiada, quando os adultos reconhecem e lhe exteriorizam seus comportamentos positivos.

Nessa faixa etária, a criança faz uso de sua inteligência, que se está aproximando de sua plenitude a serviço da ampliação de sua consciência. Diferentemente de seu estágio imitativo anterior, quando simplesmente interagia com o que estava no seu redor, agora, acorda e vê o que está acontecendo à sua volta, de forma muito mais consciente do que via antes. Vive uma mudança interna, experimenta seu próprio eu muito mais profundamente do que antes e olha para o mundo com olhos novos e observadores. Esse despertar pode levá-la a um questionamento silencioso ou também a uma tendência à crítica.

Ela começa a usar a razão. Começa a julgar os fatos como bem ou malfeitos e a manifestar comportamentos de críticas e rebeldia. Seu pensamento, que até então era espontâneo, sem nenhuma direção, passa a se organizar, a prever as coisas que podem acontecer e a se tornar mais racional, com uma consciência mais social. Ao entrar no uso da razão, torna-se mais responsável pelos seus atos, é capaz de progredir mais rapidamente

no sentido da responsabilidade, começa a notar mudanças na sua posição dentro da família, da escola e da sociedade, mas não se conforma com o papel totalmente infantil nem com as exigências de atitudes e de trabalhos que, para ela, estão aquém ou além de suas possibilidades.

Seu “por quê?” vai se tornando menos infantil, mais especulativo, adquire mais lógica e não se contenta com uma resposta simples e parcial. Se os pais, familiares e educadores acompanham a criança em seu desenvolvimento, com o devido e necessário cuidado, percebem que no relacionamento entre eles pode ocorrer um rico e construtivo diálogo. Nunca é demais afirmar que, como em todas as outras fases do desenvolvimento, também nessa, a criança necessita de carinho e de boa orientação. Precisa sentir que goza da confiança de seus pais e educadores. Precisa de atenção, de escuta e de diálogo. É a pré-adolescência que chegou ou está chegando. Os pais e educadores devem estar preparados para as muitas mudanças significativas e específicas dessa faixa etária.

É um período em que a criança começa a tomar consciência de que está deixando a infância para trás. É a fase denominada pré-adolescência ou puberdade, período específico, que traz grandes mudanças em diversas áreas. A criança continua progredindo em todos os aspectos de seu desenvolvimento: intelectual, físico, biológico, emocional, social, afetivo e moral, em uma constante busca de adaptação a seu meio ambiente.

1. Intelectual: nesse aspecto, a(o) pré-adolescente é esperta(o), tem sede de saber e procura segurança intelectual. Tem facilidade e rapidez para a memorização, embora seu raciocínio ainda esteja no estágio operatório concreto. Gosta de desmontar, fabricar e construir coisas; aprecia bons livros. Aprecia histórias verdadeiras. Ficou para trás o tempo das histórias dos contos de fada; agora, ela se interessa, principalmente, por histórias de heróis, por fatos importantes, grandiosos e de pesquisas sérias. Quer ver o

mundo a partir de fora; seu mundo interior, o mundo da fantasia, dá espaço para o mundo real. Tem grande interesse por colecionar, fazendo várias coleções ao mesmo tempo. Demonstra preferência por tarefas e trabalhos mais complexos; gosta de ler, de escrever e de utilizar livros e referências com interesses bem definidos, desde que tenha adquirido esse hábito, em fases anteriores.

2. *Físico*: é uma etapa em que acontecem grandes modificações físicas e há necessidade de adaptação ao novo esquema corporal, considerando-se, ainda, que essas modificações não acontecem de uma só vez. Durante esse processo de redefinição do esquema corporal, a criança pode apresentar dificuldades para localizar-se adequadamente no espaço, tornando-se desajeitada, o que a faz ser alvo de crítica e da insensibilidade de adultos menos avisados.

3. *Biológico*: essas mudanças se relacionam com as modificações físicas, e são determinadas pelas alterações hormonais, como aparecimento de pelos, de acne, crescimento das mamas, mudança de voz nos meninos, alargamento dos quadris nas meninas, dos ombros etc.

4. *Emocional*: o período entre os 9/10 anos é um dos mais importantes na história do ser humano. Nele, toda criança atravessa uma crise de solidão, vinda de maneira perceptível ou não. Com frequência, reclama de sintomas físicos, como dores de cabeça, dores de estômago, dores nas pernas, e está sujeita a incômodos pesadelos, situações essas que podem produzir altas e baixas crises emocionais.

Alguns problemas de comportamento podem surgir, como o choro sem conhecimento de causa, rebeldia em relação aos pais e à autoridade, descuidos, expressões de aborrecimento e tantos outros, principalmente quando não se sente aceita. Nesse período, vai conquistando novas formas de independência. Quer liberdade, quer decidir por ela mesma, ter as próprias opiniões,

mas sente-se perdida no mundo e precisa de atenção e carinho dos pais e dos educadores.

Nessa faixa etária, muita coisa acontece no interior da criança e ela vai se sentir mais amparada se os adultos reservarem tempo para conviver mais com ela. Isso lhe é tão essencial quanto comer e beber. Com o avanço da tecnologia, pais e educadores devem estar mais atentos a essa questão.

5. *Social*: nessa idade, a criança quer estar ligada a seus relacionamentos sociais, conhecê-los, vivenciá-los. Aprecia o “grupo” seja para o trabalho ou para brincadeiras. Começa a testar os limites e valores familiares. Mantém relação de dependência com os pais e tem por eles certa credibilidade, uma vez que esses são ainda seus heróis. Preferem atividades de jogos cooperativos ou de equipes, existindo, ainda, a preferência pela formação de grupos ou equipes do mesmo sexo. As normas dos grupos parecem ter maior influência do que as familiares. E como as crianças já nascem inseridas na era da internet, desenvolvem um poder especial de comunicação entre colegas e/ou grupos sociais.

A criança está na fase da semiautonomia. Sua consciência de justiça está se aprimorando; gosta de competir, principalmente na escola; tem dificuldade em assumir os erros, mas aceita as falhas e se responsabiliza por elas; percebe bem o certo e o errado; pode se sentir envergonhada por ter se comportado mal e avalia o comportamento das outras crianças. Para que ela tome consciência de seus próprios atos, pode ser questionada: “Você acha justo o que você fez?”. Ela já reconhece a importância das normas nas brincadeiras e nos jogos e tem liberdade de reelaborá-las, de acordo com seu grupo.

A autoafirmação

A criança com 9/10 anos quer ser independente e exige menos tempo e atenção dos responsáveis, porque está muito atarefada e centrada em sua própria pessoa. As relações são mais tranquilas,

desde que seja tratada, com o respeito devido, a sua maior maturidade. Demonstra melhor relacionamento com os pais, principalmente em atividades que interessam a todos. É evidente que a criança nessa idade, aos poucos, está adquirindo um sentimento de posição individual e, por isso, tende a participar mais da vida familiar e se interessa por assuntos do mundo adulto. Isso faz parte do crescimento, da organização e do preparo para sua vida futura.

É de suma importância a presença de alguém significativo na vida da(o) pré-adolescente que possa ajudá-la(o) a entender e aceitar o que está se passando com ela/ele, para que sinta que essa fase da vida não é marcada apenas por incertezas, solidão, dificuldades, crises, mal-estares, angústias. Reconhecendo-se compreendida(o) e aceita(o), ela(ele) é capaz de muita generosidade, de muita alegria e de uma vida familiar e social saudável. Para isso, é necessário aumentar os momentos de convivência familiar, no lazer, nos planejamentos em conjunto e muito testemunho de compromisso com a vida partilhada.

Quando proibida(o) de alguma coisa, como usar celulares, jogar ou ler revistinhas, pode praticar tais comportamentos, às escondidas. Se as ordens recebidas não lhe agradam, pode mostrar-se emburrada(o), mal-humorada(o) ou irritada(o). Outras vezes, arranja desculpas, quando as situações não lhe são favoráveis. A colocação de limites, nesses momentos, é de suma importância, lembrando-lhe de que está vivendo o “seu momento” que lhe é muito significativo e de muita importância para sua vida, que cresce vigorosa e cheia de surpresas.

A(o) pré-adolescente é, naturalmente, inclinada(o) à ação em detrimento da palavra. Muitas vezes, diante dos conflitos próprios dessa faixa etária, pode recorrer às drogas, ao álcool ou à sexualidade precoce. Um dos problemas é que as pessoas pensam que, com o desenvolvimento sexual precoce, ela(ele) é mais velha(o) e o tipo de pressão, muitas vezes, são maiores do que ela(ele) pode administrar.

A educação para a fé dos 8 aos 10 anos

O objetivo da “educação para a fé” é orientar a criança na descoberta do quanto é amada por Deus, que tudo criou por amor, e, também, procurar despertar nela um profundo sentimento de gratidão por essa maravilhosa obra de Deus.

A educação para a fé é um processo que dura toda a vida. Por isso, podemos afirmar que ela tem seu início desde o ventre materno. Testemunhando a vida de fé, a partir da família, a criança já tem uma consciência de Deus em sua vida. É no convívio familiar que os valores vão se estabelecendo. E, quando a família é um testemunho de fé, a criança adquire desde muito cedo a consciência de Deus em sua vida. Ela vivencia as experiências familiares e sociais sem interpretá-las, porque ainda não tem compreensão da linguagem figurada.

Ela está vivendo um momento muito forte de querer saber “o porquê” de tudo, e, como tem muita curiosidade a respeito de assuntos existenciais e religiosos, é muito comum querer saber a origem das coisas, como: quem criou Deus? Como tudo apareceu? Onde Deus está? E tantas outras questões relacionadas à religiosidade, que devem ser respondidas com clareza, com respostas simples, objetivas e adequadas. A atitude dos adultos define a evolução da criança. A maneira como ela obtém as respostas para suas questões é fundamental para seu crescimento em todas as áreas da aprendizagem.

As respostas adequadas à sua capacidade e esclarecedoras de suas dúvidas vão ajudá-la na compreensão de suas questões. Nessa idade, já começa a entender alguns conceitos abstratos, apesar de ainda confundir realidade com fantasia, porque não tem clareza do que é ficção ou do que é história real. Daí o perigo de, ao ouvir narrativas de “milagres”, ficar no nível da fantasia; ela ainda não percebe, com clareza, a diferença entre o fantasioso e o que é realidade concreta ou possibilidades. Apesar de começar

a distinguir entre o natural e o sobrenatural, continua tendo uma imagem antropomórfica de Deus. Nessa junção ou na relação entre o natural e o sobrenatural, ainda sem conotação religiosa, surge a percepção de que o que existe aqui na terra não é tudo; algumas coisas transcendem o concreto, a matéria.

Para além da família, cabe à comunidade religiosa colaborar com os pais na educação para a fé da criança. É importante lembrar que essa educação não deve ser simplesmente voltada para os sacramentos, mas também para sua inserção na vida da comunidade de fé, na relação com Deus e consigo mesma, na convivência com o outro e com a natureza.

A educadora ou o educador da fé precisa preocupar-se em criar atividades lúdicas, criativas, alegres, que atendam as características dessa faixa etária, momento em que a criança está sensível a descobrir a grandeza de Deus, a sua bondade por tudo que fez e as maravilhas das coisas criadas por ele. Os encontros devem sempre conter cantos com gestos, histórias, dinâmicas ou brincadeiras, jogos, com a prática de dramatizações, encenações, organização de vivências baseadas em textos bíblicos e planejadas em equipe, além da utilização de recursos audiovisuais (fotografias, filmes, cartazes, murais, maquetes), atividades que conduzirão o ensino/aprendizagem de forma lúdica, agradável, diversificada, objetivando o desenvolvimento das crianças, para que se tornem homens e mulheres de fé.

A experiência religiosa é fundamentalmente uma experiência de relação de amor, essencial para a vida.

A puberdade

Essa é a fase inicial da adolescência. Ela se caracteriza pelas transformações físicas e biológicas no corpo das meninas e dos meninos. Por isso, é vista e estudada como um acontecimento

grandioso e dramático na vida juvenil. Passada a fase da latência, desencadeia-se o processo puberal.

Não existe uma data exata para a entrada na puberdade, e ela não é igual para os meninos e para as meninas nem a mesma para todos os meninos ou para todas as meninas; mas é um evento físico, pessoal, com limites de início e de término.

O ser humano é repleto de singularidades e cada um tem seu próprio ritmo de desenvolvimento. Porém, há uma média que se pode ter como referência para essas mudanças: nas meninas, os primeiros indícios da puberdade podem ocorrer a partir dos 9 aos 12 anos. Nesse período, elas apresentam um crescimento mais rápido, a cintura afina, os quadris se alargam, os seios começam a avolumar-se e os pelos começam a aparecer na região pubiana e nas axilas. Nos meninos, as transformações começam um pouco mais tarde, entre 12 e 13 anos, e são mais demoradas do que nas meninas. Neles, os primeiros sinais dessas transformações são, basicamente, o aumento dos órgãos genitais, o nascimento de barba, o aparecimento de pelos na região pubiana, nas pernas, nos braços, no peito e nas axilas. O esqueleto se alonga, os músculos se enrijecem, o tronco e os ombros se alargam; a pele se torna muito mais gordurosa, causando as temíveis acnes. Além disso, essas mudanças são acompanhadas da modificação da voz, que ora é mais grave, ora mais aguda e fina.

Isso não significa dizer que todos vão entrar na puberdade nas mesmas faixas etárias. É considerado normal o início da puberdade até os 13 anos nas meninas e 14 anos nos meninos. A puberdade que ocorre fora desses períodos é considerada uma anormalidade, que pode ser chamada de:

- Puberdade precoce: quando ocorre antes dos 8 anos em meninas e dos 9 anos, em meninos.
- Puberdade retardada: quando, até os 13 anos nas meninas e 14 anos nos meninos, não apareceu nenhum dos sinais mencionados.

Nesses casos, um médico *hebiatra*¹ deverá ser consultado para dar as devidas orientações de procedimento e encaminhamento a um tratamento, se necessário for.

A puberdade, tanto nas meninas quanto nos meninos, não proporciona apenas transformações físicas e biológicas, mas, também, emocionais, mentais, psicossociais. São mudanças rápidas, que podem causar inquietudes, assim como certos problemas na coordenação motora, uma vez que a mente ainda não teve tempo de se adaptar a essas mudanças. As alterações hormonais, que ocorrem nessas faixas etárias, despertam a sensibilidade sexual, e nessa fase muitos adolescentes começam a ter relações sexuais.

Isso pode contribuir para algum estado de depressão, reações de rebeldia, de oposição, de solidão, de choro por motivos indeterminados, de irritabilidade e de muitos outros comportamentos. Alternadamente, podem ser observados, também, períodos de intensa energia física, entusiasmo, inquietações comportamentais. Nessa fase, os adolescentes costumam, com grande entusiasmo, ansiar por sensações novas e se dão o direito de experimentar cigarro, tomar bebidas alcoólicas, usar drogas. Tudo isso como forma de uma autoafirmação.

Como a puberdade é um período marcado pelo maior número de mudanças físicas, psíquicas e emocionais na vida da criança, surgem questões existenciais: Quem sou eu? Por que sou assim? De onde vim? Qual o meu papel na sociedade em que vivo? Para que vivo? Nessa etapa a(o) pré-adolescente passa a interessar-se também por questões de ordem moral, ética, social, política familiar, educacional, religiosa e tantas outras que acompanham o amadurecimento. Podem surgir complexos e preocupações com os novos contornos do corpo. Seja como for o seu desenvolvimento físico, uma característica comum a todos os pré-adolescentes é que eles não se sentem confortáveis com

¹ Hebiatria é a parte da medicina que cuida de adolescentes.

seu corpo. Se as meninas ficam obcecadas com seu peso, podem deixar de comer ou começar a fazer dietas nada saudáveis. Por isso, o olhar atento de um especialista a todo esse universo ajuda a prevenir, por exemplo, os transtornos alimentares (bulimia, anorexia) e inúmeros outros problemas de saúde.

Essa etapa transitória entre a infância e a adolescência significa, também, um período de sofrimento, devido a alguns lutos nela vivenciados. São os lutos por perdas vividas na infância: a perda dos pais da infância (colo, da atenção constante etc.), a perda do corpo infantil, a perda da dependência infantil, além da confusão quanto ao esquema corporal e espacial.

A(o) pré-adolescente quer estar sempre em atividade; precisa de exercícios fora do confinamento de uma sala de aula. Seu tempo de ficar sentada(o), quieta(o) e calada(o) é, no máximo, de 30 a 40 minutos, característica essa que deve ser de grande importância para seus educadores.

A criança aos 11 e 12 anos

Em cada momento de sua vida e em qualquer área vivencial (física, cognitiva, afetiva, ética-social ou religiosa), a criança, dentro de suas possibilidades, vai se reorganizando, se adaptando ao mundo exterior e se incluindo no ambiente e na cultura da qual faz parte. Como nas etapas anteriores, vive em contínua busca de seus progressos, procurando se desenvolver em todas as dimensões de sua vida de forma integrada e equilibrada.

Hoje, as nossas crianças são submetidas a um bombardeio de estímulos da sexualidade, seja com filmes, com temas sexuais, com as letras de músicas e danças erotizantes, com programas insinuantes das emissoras de televisão e até mesmo com roupas não muito adequadas a elas, mas que, preferencialmente, estão de acordo com a moda atual. O corpo humano responde

às expectativas que se tem dele. Assim, o corpo da menina vai se modificando no sentido de se assemelhar ao corpo de seu “modelo televisivo”, sendo, praticamente, empurrada para o mundo dos adultos, antes que a sua personalidade esteja formada para isso.

Os estágios do desenvolvimento da personalidade, sob o ponto de vista cognitivo, físico e emocional, se ajustam progressivamente durante o processo do amadurecimento da pessoa. Do ponto de vista cognitivo, área responsável pela aprendizagem, a criança está passando das operações “operatório concreto” (que vai dos 6/7 aos 12/13 anos) para as “operações formais”, o quarto estágio, que não se completa antes dos 14/15 anos. Seu raciocínio não mais depende da manipulação de objetos concretos. Quando ela alcança esse estágio, já é capaz de partir do pensamento para a ação, porque possui capacidade de planejar as ações, pensar abstratamente, formular teorias e fazer generalizações. Quando atinge tal estágio já consegue raciocinar: “Isso é assim, mas poderia ser diferente”. Ela começa, então, a realizar operações e conceitos de maior complexidade.

Segundo Piaget, é grande a necessidade de adaptar o processo de ensino-aprendizagem à criança, para que ela possa vivenciar a experiência do sucesso, desenvolvendo o autoconceito, a autoimagem e a autoestima, valorizando-se e se sentindo capaz. A educadora ou o educador estará orientando a criança na evolução de sua aprendizagem e, portanto, em seus vários desenvolvimentos, quando adequar os planejamentos e as atividades às possibilidades de cada estágio vivenciado pela(o) educanda(o).

Piaget enfatizou também os estágios do desenvolvimento moral. Segundo ele, nessa faixa etária, a criança caminha para a autonomia, que é a capacidade de se governar pela interiorização consciente e reelaboração das regras de conduta. Ela percebe-se como legisladora e entende que as regras derivam de um acordo mútuo entre as pessoas; sabe que há regras para se viver

em sociedade, mas essas regras e o respeito a elas partem do seu interior. O sujeito autônomo é aquele que, olhando para si, enxerga também o outro. Essa capacidade é o mais alto estágio da evolução moral.

As alterações físicas devem ser encaradas com calma e naturalidade e serem entendidas como um processo biológico, obrigatório, porém passageiro. De um modo geral, as dúvidas são frequentes nessa faixa etária, e a curiosidade aumenta com as novas transformações corporais. São comuns os questionamentos, a rebeldia, uma vez que é nessa fase que a criança está buscando sua própria identidade. A rebeldia também acontece porque ela percebe que os valores familiares, às vezes, não são os mesmos que os dos amigos e, para que seja aceita nos grupos, sente-se pressionada a mudar; mas essa mudança nem sempre pode ser para melhor. Buscar o conhecimento, o entendimento e, principalmente, o esclarecimento de todas as dúvidas é fundamental para o bom desenvolvimento psicológico do indivíduo.

Nessa faixa etária, a sensibilidade está à flor da pele. A criança prefere a privacidade, mas tem dificuldade em adormecer sozinha, porque experiencia muitos medos e preocupações. Com frequência, mostra-se temperamental, e a raiva, que lhe é bastante comum, é direcionada, verbalmente, para a figura de autoridade. Fica ressentida quando é instruída sobre o que fazer, e seu humor sofre frequentes flutuações. É importante que pais e educadores reflitam sobre todas essas questões, estando atentos e abertos ao diálogo, refletindo sobre os valores e os princípios que querem transmitir, assim como as suas representações e expectativas.

É fundamental ouvir e mostrar disponibilidade para a partilha de opiniões, sem impô-las, aproveitando cada momento para educar; muito importante também é que sejam capazes de demonstrar confiança e respeito pelos espaços íntimos dos pré-adolescentes,

além de responsabilizá-los pelas decisões tomadas; é, por último, indispensável que sejam valorizados e estimulados, aproveitando os erros cometidos como oportunidades de aprendizagem e de crescimento mútuo. Educar é promover a compreensão e a apropriação de uma série de valores universais que contribuam no dia a dia, para o crescimento individual e coletivo.

Educação para a fé aos 11 e 12 anos

A construção da religiosidade não pode ser acelerada pelo treino ou pela memorização, ou pelas respostas preparadas pela educadora ou pelo educador da fé. Ela acontece espontaneamente, por meio da formação de hábitos saudáveis de boa convivência, da participação, da partilha e da contemplação. A informação, por exemplo, de que foi Deus que criou o mundo, as plantas, as montanhas, em nada irá contribuir para a descoberta de quem é o Grande Criador. É mais proveitoso estimular a curiosidade natural e a capacidade de observação da criança para que ela se coloque essas questões e busque suas próprias respostas, construindo ao longo de sua vida a maturidade de sua fé.

Os desafios, as vivências e as respostas encontrados a ajudam a evoluir para um nível mais amplo, de maior conhecimento e desenvolvimento. É necessário que se dê espaço para a criança fazer perguntas. Deve-se também desafiar-la com perguntas, deixando que faça suas próprias descobertas, sem dar respostas prontas. É importante proporcionar-lhe a vivência religiosa, indo com ela à igreja ou a templos, para que participe de cerimônias religiosas, sem forçá-la, mas também sem privá-la da possibilidade de conviver com as celebrações.

Nessa faixa etária, de 11 e 12 anos, ela está começando a superar o egocentrismo e a interagir com a cultura do adulto, ouvindo histórias contadas ou lidas, observando o comportamento das pessoas ou frequentando cultos e celebrações religiosas.

Estabelece relações de causa e efeito, confrontando suas imagens mentais com os ensinamentos dos pais, professores e educadores da fé. Quem conduz a aprendizagem, seja ela em qual área for, não deve optar por posturas autoritárias, diretivas, centralizadoras do poder, que determinam e controlam desde o conteúdo religioso até a participação nas celebrações. Isso pode retardar ou até inibir o desenvolvimento dos educandos. Como nessa faixa etária os educandos estão despertados para as atividades em grupos, a educadora ou o educador da fé pode lançar mão de atividades nas quais todos poderão:

- Participar de peças teatrais. A(o) pré-adolescente gosta de decorar textos para teatro, participar de dramatizações, celebrações e jograis de textos atualizados.
- Ler livros de histórias adequadas a essa faixa etária. Substituir lendas e fadas por mensagens concretas ou contos verdadeiros.
- Trabalhar com montagens, colagens, criações e construções de figuras relacionadas aos textos bíblicos em estudo.
- Desenvolver atividades bíblicas que envolvam o corpo, como corridas, ciclismo, maratonas, jogos, gincanas, danças, campanhas ecológicas, campeonatos interfamiliares no bairro ou na comunidade religiosa, atividades folclóricas e outros.
- Interligar os conteúdos bíblicos com outros conteúdos educacionais.
- Participar de retiros com atividades bem diversificadas.

A educação para a fé deve ser pensada e praticada a partir da liberdade de ação, da construção e da elaboração de projetos. Os educadores da fé, ao renunciarem ao papel de autoridade informativa, não renunciam ao papel de autoridade instrucional. Eles têm a responsabilidade de estabelecer os

arranjos que instigarão e guiarão o grupo em direção a uma investigação discursiva cada vez mais autocorretiva e produtiva. Essa metodologia, aparentemente simples, é trabalhosa: exige persistência, mudança de paradigmas na sua aplicação, mas é eficaz na educação para o pensar e para a formação de uma fé madura e responsável.